1

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

JORNAL DOS INTERESSES PHYSICOS, INTELLECTUAES, E MORAES.

Collaborado por muitos Sabios e Litteratos — redigido por J. M. da Silva Leal.

PROLOGO.

N'UM tempo como este nosso em que vai pelo mundo tamanho movimento social no pensamento, commercio e industria; quando os carris de ferro e o vapor communicam as nações umas com outras quasi como conductores electricos, e não tardarão talvez a fazer mudar, pelo menos, o systema do commercio universal; é de necessidade absoluta que em Portugal — situado a um canto da Europa e quasi isolado, por consequencia, d'esse turbilhão moral e industrial em que se agita o centro do antigo e o norte do novo mundo — haja, quando mais não seja, um jornal que siquer ao menos faça conhecidos do nosso povo — ponha patentes a todas as intelligencias — as graves questões que ahi se debatem de socialismo e economia pública, e as invenções e melhoramentos que, por assim dizer, diariamente se poem em prática em todos os ramos da industria, com progresso tão vasto e tão rapido que a Europa de ha vinte annos é velha para a Europa de hoje.

A grande sociedade humana começa, na verdade, a apresentar um espectaculo grandioso. Todos os esforços do talento se applicam hoje, quasi exclusivamente, aos meios de augmentar a prosperidade geral, e de proporcionar ás classes menos abastadas o maior bem-estar possivel. Nunca o *mens agitat molem* pôde ter mais bella applicação — nem mais verdadeiro e universal sentido! Hoje todo o mundo principia a ser examinado, explorado, cortado por canaes e caminhos de ferro; e o vapor tem levado a todas as partes da terra, desde o centro da Europa aos confins da China, aos extremos do Canadá, ás margens da Australia e quasi ás fontes do Nilo, os productos trocados de todos estes remotos paizes, com elles o conhecimento e talvez as sympathias dos povos, e pouco a pouco a civilisação e a paz.

Todos os povos são irmãos; todos elles compozeram sempre a mesma familia, é verdade; mas affastados por distancias immensas, separados entre si por extensos desertos, por aguas invadeaveis, por montes inacessiveis, não curaram até agora uns dos outros, olhavam-se talvez com odio, consideravam-se quasi sempre como inimigos. D'antes construiam-se muralhas de centenares de leguas para separar os povos confinantes: fortalezas inexpugnaveis guardavam as fronteiras dos paizes limitrophes; e ainda ha bem poucos annos eram as ballas de artilheria que annunciavam a visita de uma nação a outra.

Tudo tem mudado em nossos dias. Embora uma grande nação, por transitorios motivos politicos, cerque ainda hoje a sua capital de muros e baluartes; nas suas raias mesmas outra grande nação liga todos os povos commarcãos por meio de mutuos interesses, e quasi faz d'elles uma só familia. O *zollverein* é o symbolo do grande pensamento social do seculo XIX. Por toda a parte se abatem os montes, se furam as montanhas, se ajuntam os rios, e se inventam meios de toda a especie para facilitar as communicações, abreviar as mais remotas, vencer as mais difficeis. E o poderoso meio que hoje une as nações pelo tracto — pelo interesse commum — liga-as tambem moralmente com intimidade de familia, e vai de dia para dia tornando cada vez mais impraticavel a applicação da força bruta. O povo mais forte será aquelle que for mais sabio; e o podêr da intelligencia hade vir a ser o unico podêr dominador da terra.

A primeira necessidade pois é instruir o povo. Não basta talento tambem é preciso estudo:

o espirito de observação é o supremo preceptor do homem. Ora, se nós os d'este paiz não podêmos desinvolver esse espirito de observação em tamanha escalla como os outros povos, que circumstancias especiaes collocam na posição de carecerem d'elle para subsistirem melhor em reciproca lide de interesses — aproveitemo-nos ao menos da experiencia devida a essa necessidade industrial dos outros povos; e teremos, por outro lado, a vantagem de podêrmos gozar do fructo d'essa experiencia sem a necessidade de passar pelas vicissitudes do tyrocinio de que elles teem carecido para chegarem ao ponto em que hoje os vemos.

O homem aprende não adviuha as coisas. Se os homens em geral no nosso paiz não estão preparados para certas innovações, como é que nos admirâmos de as não vermos até aqui acceitas, e algumas nem siquer conhecidas? Querermos os resultados sem o principio é loucura. O nosso povo carece de educação social; isto é: carece de ser instruido nos elementos da sciencia social como ella hoje começa a desinvolver-se no mundo. Dê-se-lhe essa educação.

Tal é a missão da REVISTA UNIVERSAL.

Mas se ésta missão houvesse de ser desimpenhada por mim — unicamente por mim, que tanto a custo tomei o pesado cargo da sua redacção, ainda que em boa vontade não cedo a nenhum outro ânimo por mais zeloso que seja — nem eu decerto a poderia preencher, nem jamais tomaria tal incargo. Felizmente porém ésta nobre missão da REVISTA UNIVERSAL tem por apostolos alguns dos homens mais eminentes de Portugal na sciencia e na litteratura. E ja que a direcção e última redacção dos trabalhos d'este jornal perderam tanto com sahirem das habeis mãos do illustre poeta que em seus mais aridos lavores sabía desparzir as rosas de um estylo sempre viçoso e florído, buscarei indemnizar, quanto fôr possivel d'essa perda, aos leitores da REVISTA, por um constante e assiduo empenho em dilatar a esphera dos conhecimentos uteis, e onde baste zêlo e estudo para se chegar com proveito.

Sería vergonha nacional não haver, quando menos, um jornal assim concebido em portuguez, havendo tantos em inglez, francez, alemão, italiano, e ainda hispanhol! Pois só quem souber algumas d'estas linguas, e ainda assim só quem tiver occasião de ver esses jornaes, é que lhe será dado conhecer o mundo em que vive? Digo mui pensadamente *conhecer*, porque não conhece o mundo d'hoje quem é extranho ás importantes e transcendentes questões economicas e sociaes que lhe preparam o porvir, e hão de chegar talvez a mudar-lhe a face.

Blainville quer, e quer bem, que o character essencial de um complexo de conhecimentos quando elles teem chegado ao estado de sciencia, seja a *previsão*. Ora, ás statisticas, á observação da sociedade, ao estudo moral do homem, e a toda essa reunião de conhecimentos mais ou menos ligados com a economia politica, ja hoje se póde chamar *sciencia social*. Se a meditarmos, nada nos custará a prever que está latente um profundo pensamento de reforma social de que os escriptos de Fourrier, Owen, e Saint-Simon, são apenas simples indicios. Os melhoramentos sociaes são hoje uma especie de instincto nos povos, que os leva para o desinvolvimento d'esse grande pensamento sem que elles mesmos o pressintam.

Pareceu pois que neste sentido e n'este ponto particularmente se deviam fixar com mais attenção os esforços da redacção d'este jornal. Mas para que ésta parte por exclusiva se não tornasse inutil, adoptou-se a divisão do jornal em tres secções, para que, servindo a todos os gôstos, o agradavel de umas tornasse mais efficaz o effeito da outra.

Assim constará o jornal de trez partes. A primeira de *Conhecimentos-uteis* — que, como se deprehende do que deixo dito, é seguramente a mais importante no estado actual do mundo, e tambem se torna no estado actual do nosso paiz a mais necessaria: abrangerá em breve resumo quanto se faça nas sciencias, artes, e industria, acompanhando essa notícia de desenhos de machinas, etc., quando ella fôr de natureza que o mereça, ou carecer indispensavelmente d'esse auxílio. D'este modo as fábricas, a agricultura e o commercio, todos os melhoramentos materiaes encontrarão na REVISTA um quadro verdadeiro, pontual e animado, dos seus progressos e das idêas que a seu respeito se discutem no mundo.

A segunda parte que se chamará *litteraria* comprehenderá tambem as Bellas-Artes e o romance, cuja importancia moral e litteraria é incontestavel no nosso seculo. A crítica theatral é o complemento indispensavel d'esta parte.

A terceira e última parte, que poderá ser chamada de *Variedades* constará de notícias e outros artigos curiosos, que não tenham tido cabimento nas duas primeiras partes. Debaixo da epigraphe *Correio nacional* dar-se-hão as notícia,

da capital e provincias, que pareçam de interesse; exceptuando porém as politicas, porque a Revista universal será rigorosa e completamente extranha a todas as indicações, ainda as mais innocentes, da politica. Debaixo d'est'outra epigraphe *Correio extrangeiro* serão dadas da mesma maneira as noticias de todo o mundo que mereçam saber-se.

N'este plano está concebido um jornal verdadeiramente universal. Mas é necessario que os leitores *especiaes* tenham a complacencia de tolerar n'este complexo o diverso gôsto das outras classes de leitores, alias o que fôr affeiçoado aos conhecimentos uteis julgará as outras como *inoportunas-bagatellas*; e vice-versa, o amador da litteratura e variedades lhe parecerá ess'outra parte *seccante impertinencia*.

Em um paiz tão limitado em número de habitantes e de leitores, é quasi impossivel, absolutamente fallando, estabelecer jornaes exclusivos de tal ou tal ramo. O jornal portuguez ou hade ser todo *leve*, curioso, popular, como dizem, para o maior número; ou hade ser completamente *universal* para contentar a todos: suppondo sempre que cada um d'estes *todos* o não queira unicamente ao seu gôsto.

A Revista deseja ser esse jornal.

Os artigos que não levarem assignatura, ou qualquer outro signal, devem intender-se da redação. Todos os outros, quer sejam de collaboradores quer de correspondentes, serão distinctos pela assignatura, ou qualquer outro signal particular.

Lisboa 20 de junho de 1845.

J. M. da Silva Leal.

CONHECIMENTOS UTEIS.

BANCO-RURAL.

1 O estabelecimento d'um banco-rural no nosso paiz é coisa geralmente desejada, e que de dia para dia se torna cada vez mais necessaria.

A agricultura é universalmente reconhecida como a primeira das fontes da riqueza nacional. No nosso paiz particularmente é ella o principal ramo da sua industria e da sua prosperidade.

A cultura dos campos tem ha annos augmentado consideravelmente entre nós. Hoje cultiva-se mais e talvez melhor. Esta causa, a que outras porventura menos lisongeiras se reunem, tem feito descer o genero progressiva e rapidamente. Sabemos que até certo ponto ésta barateza é util e de bom presagio, mas é certo tambem que no estado especial do nosso territorio, pela falta de communicações e mercados, falta que ainda se sentirá por muitos annos, se o genero se chega a depreciar póde produzir a ruina de muitos lavradores, que pela maior parte não são abastados; o que seria uma calamidade geral.

E' um facto que o valor do genero tem descido no mercado quasi repentinamente. O proprietario agricula não estava preparado para ésta descida sem transição; e póde haver tal anno em que se deem circumstancias e tão desastrosas que elle fique arruinado por falta de fundo para sustentar uma maior perda. N'este caso é indispensavel acudir-lhe, e acudir-lhe desde ja e efficazmente, porque não é ao individuo que se acode mas á agricultura. E' indispensavel que o proprietario possa ganhar tempo para alcançar os beneficos resultados da nova variação dos valores agriculas, sem soffrer os inconvenientes da sua repentina apparição, para que não estava preparado. Parece-nos que este é o ponto capital da questão. Quando a mudança dos valores agriculas fôr geral em todos elles — queremos dizer, quando o preço do genero estiver em harmonia com o preço dos trabalhos, com o preço e facilidade dos transportes, etc., então a barateza, não sendo depreciação, contribuirá para a prosperidade commum. Não acontece porém assim ainda hoje, e antes que assim venha a acontecer é necessario primeiro resistir á desharmonia, podêr affrontal-a, e mesmo habilitar-se para a tornar em harmonia.

Quando as coisas são justas e se querem deveras, conseguem-se sempre. Lembrâmos hoje dois alvitres que nos parecem grandemente efficazes para proteger e ingrandecer a industria agricula entre nós:

O estabelecimento de uma associação de proprietarios agricultores de todo o paiz, e o estabelecimento de um banco-rural. — Do primeiro tractaremos n'outra occasição: hoje começâmos a fallar só do segundo porque ja é *questão do dia*.

O govêrno de S. M. de accôrdo com a Companhia das Lezirias encarregou uma commissão de confeccionar certas bases para estabelecimento de um banco-rural. Mas, como talvez as disposições, origem, ou fórma d'esta providencia nos fizesse apprehender que o estabelecimento que se projecta poderá não satisfazer a todas as indicações a que suppomos de absoluta necessidade attender-se, pareceu-nos conveniente dizer alguma coisa sôbre o assumpto.

Julgâmos que o banco de que se tracta se limitará a fazer alguns imprestimos aos lavradores, mediante um modico interesse e sôbre hypotheca das suas propriedades.(*)E' possivel que não seja isto, que seja mais, ou que não seja tanto; porque emfim se temos apenas conhecimento da idêa. Sendo porém o que suppomos é ja muito bom — é excellente; mas ainda não basta. Os nossos proprietarios agricultores necessitam, a meu vêr, mais do que isso. Com similhante estabelecimento podem, é verdade, melhorar de posição e desinvolver a sua industria, mas podem tambem, victimas d'uma vicissitude, natural ou não, ou d'uma especulação mal-calculada, perderem o imprestimo que contrahiram, impossibilitarem-se de o pagar, ficarem finalmente sem as suas propriedades; e consequentemente peior do que antes estavam.

Convinha portanto fazer mais. Sería summamente vantajoso pôr os proprietarios a coberto d'alguns revezes mesmo successivos. Affrontar a salvo um complexo de circumstancias desastrosas não será, seguramente, pos-

(*) Informam-nos de que apenas impresta sôbre penhor dos generos depositados no terreiro.

sivel; mas ao menos que não seja um primeiro desastre que evite poder-se combater com segundo, e que não baste esse segundo para occasionar uma desgraça completa. O caso está pois em estabelecer o *credito territorial*, criar um verdadeiro banco de hypothecas, onde o proprietario não va pedir impreslado mas va saccar sôbre os seus mesmos bens immoveis os valores moveis de que necessita — isto quer dizer, que se mobilise a propriedade.

Não sei se ésta idêa será bem comprehendida por todas as intelligencias por isso vou expol-a mais claramente. Supponhamos que um proprietario inscripto no banco com o valor de 10:000$000 rs. precisa de um terço da sua hypotheca em valores divisiveis para o seu tráfico; sacca sôbre o banco ésta importancia, o banco acceita, e fica realisada a somma. De maneira que o proprietario responde para o banco com a sua hypotheca, e o banco responde com a moeda aos portadores das suas ordens. Ja se vê que assim ficaria mobilisada a propriedade pelas ordens e immobilisado o credito pela hypotheca.

Um banco assim póde ser instituido por uma associação de capitalistas, pela 'Companhia das Lezirias,' por exemplo; mas haveria muito maior vantagem para a classe sendo feito pelos proprietarios mesmos. E ainda isto não seria tudo, era necessario que um similhante banco, limitado unicamente ao fim da sua instituição, não distrahisse os seus fundos em especulações de nenhuma especie de agiotagem, para os não ter sugeitos nem ás alternativas da praça, nem aos perigos da bancarota; era necessario tambem como complemento das suas vistas economicas, que empregasse uma parte dos seus capitaes em applicações uteis á agricultura do paiz; tanto fomentando a boa cultura das terras, como promovendo o consumo da producção, etc.

Parece-nos que a criação de um estabelecimento similhante entrou ja no pensamento de alguem; e a Revista muito se honraria de que fosse nas suas columnas que esse pensamento começasse a desinvolver-se.

Agora pelo que respeita ao banco que ja está em projecto, é bem de suppôr que as pessoas encarregadas do seu andamento se não esquecerão nem do banco creado na Russia em 1786, para evitar o que a sua organisação teve de menos bem calculado, nem do que existe na Prussia, para imitar o que n'elle ha de melhor pensado.

Assumpto é este a que seremos obrigados a voltar mais de uma vez, e sôbre o qual pedimos o valioso auxilio de todas as capacidades que estão no caso de discutil-o, porque os nossos bons desejos não podem supprir as habilitações de que carecemos para o tractar cabalmente.

ESCHOLAS REGIMENTAES.

2 Muito importante é em verdade o assumpto das escholas regimentaes, que o Sr. Palmeirim encetou em o n.º 42 da Revista Universal, e habilmente esclareceu e desinvolveu o Exm.º Sr. Visconde de Sá da Bandeira em o n.º 45 da mesma Revista. Convencido da grande utilidade que éstas escholas poderiam produzir ao Estado, me havia eu occupado d'essa materia, preparando ainda alguns trabalhos com o intuito de apresentar um projecto na camara dos deputados na última sessão d'esta legislatura: a abundancia e importancia de negocios que n'ella havia para tractar me desviou d'esse intento, deixando o negocio para pessoa e tempo mais proprio. Tendo porém aquelles illustres militares apresentado no interesssante periodico, que V. redige, tão luminosos principios sôbre a materia, julgo que me será desculpado expender como additamento mais algumas idêas que a tal respeito me teem occorrido; e por isso rogo a V. o obsequio de as transcrever em algum dos numeros proximos da Revista, se assim lhe agradar.

Talvez fosse o govêrno portuguez o primeiro que estabeleceu escholas militares para n'ellas se ensinarem diversas materias, pois já em 1732 creou por decreto de 24 de dezembro academias militares na côrte, e nas praças de Valença, Almeida e Elvas; depois se estabeleceram aulas de mathematica nos regimentos d'artilheria, e ainda nos de infanteria de Tavira e Lagos no Algarve, a cujos alumnos foi permittido por decreto de 13 d'agosto de 1790 fazer exame na academia da marinha como se d'ella fossem filhos.

Não poucos homens distinctos, tirados das fileiras dos soldados, adquiriram n'estas aulas regimentaes os principios que em outras maiores foram depois cultivando a ponto de virem a ter nomeada na Europa: taes como os insignes mathematicos Custodio Gomes Villas Boas, José Anastacio da Cunha, João Manuel d'Abreu, e varios outros; assim como os habeis artilheiros generaes Roza, Teixeira, Reboxo etc. etc. N'estas aulas se formaram os dignos officiaes, que o tenente-general Valaré empregou nas differentes obras e diligencias de que foi encarregado: aquelles excellentes artilheiros no Roussillon mereceram ser elogiados pelo generaes alliados, e pelos mesmos inimigos; nas aulas dos seus regimentos haviam tomado os principios theoricos da sua arma que alli foram desinvolver na prática. Na secretaria d'estado dos negocios da marinha, na bibliotheca-publica d'esta côrte, e até na do Rio-de-Janeiro, se conservam plantas de varias praças, rios, e outros sitios do Algarve, levantadas pelos lentes e alumnos das aulas dos regimentos de infanteria de Tavira e Lagos. N'estes côrpos nem a graduação de anspeçada se dava, senão por exame das materias que nas aulas se ensinavam; sendo propostos pelo lente tres dos mais distinctos para d'elles escolher o commandante do corpo ou da companhia aquelle que havia de ser promovido ao posto vago. D'aqui resultava um estímulo proveitoso, que dava número sufficiente de praças para escolher officiaes inferiores com mais alguma instrucção do que lêr e escrever simplesmente. A aula do regimento de Lagos veio a ter um incremento consideravel pelos disvellos do seu benemerito coronel o fallecido barão d'Albufeira; e n'ella se ensinavam diversas materias por mestres escolhidos d'entre os officiaes e officiaes inferiores do regimento, sem outra despeza do Estado mais do que a gratificação de 20:000 réis mensaes ao lente de mathematica. A invasão do reino pelos francezes em 1807 veio cortar á nascença tão util estabelecimento; e com a guerra subsequente paráram o seu desinvolvimento essas sementes de pública e geral instrucção que n'aquelle regimento se tinham ido gradualmente augmentando. Depois da paz foram renovadas as aulas nos regimentos d'artilheria, e se estabeleceram escholas de primeiras lettras em todos os outros do exercito por portaria de 10 d'outubro de 1815 publicada na ordem do dia n.º 1 de 1816: mas foram ellas de curta duração; pois que pelo decreto

de 17 d'abril de 1823 acabaram a sua existencia quasi com a da liberdade que nos ía fugindo. Novamente foram installadas as escholas de primeiras lettras nos corpos do exercito por decreto de 4 de janeiro de 1837. Demonstrado foi no mappa que apresentou o Exm.° Sr. Visconde de Sá da Bandeira o pequeno desinvolvimento que ellas teem tido; não estando ainda estabelecidas em todos os corpos, nem sendo frequentadas n'aquelles em que estão, por todos os individuos que não sabem ler e escrever, como determina mui explicitamente o § 8.° do art. 3.° do ultimo decreto.

Bem palpaveis são as vantagens que d'estas escholas podem resultar assim para a classe militar em particular, como para a sociedade em geral; pois que havendo um systema regular de recrutamento devem sahir das fileiras do exercito todos os annos tres a quatro mil homens, que tendo aprendido nos corpos a ler, escrever, e contar vão para as suas aldeas com mais instrucção que d'ellas sahiram, e com meios de aproveitar para os seus misteres o que estiver escripto ou se fôr escrevendo. Maiores serão ainda as vantagens, se, modellando as escholas regimentaes pelas que já tivemos nos dois regimentos de infanteria do Algarve, as ampliarmos com o ensino dos elementos d'arithmetica, algebra e geometria, que se ensinam no primeiro anno da eschola polytechnica, e algumas noções de desenho linear, admittindo os discipulos que se habilitaram n'estas materias a fazer exame d'ellas na polytechnica como seus filhos.

Reduzido o serviço nos corpos e guarnições das praças ao absolutamente necessario, deixará bastante tempo livre aos soldados e officiaes inferiores, tempo que ordinariamente empregam na ociosidade contrahindo maus habitos que influem na disciplina, e até na carreira d'aquelles que poderem subir aos postos maiores. A profissão militar está sendo olhada entre nós como um encargo odioso que torna o cidadão quasi extranho á sociedade, que o arranca por largo tempo dos serviços que lhe são mais uteis, voltando para o seu seio corrompido em costumes, e quasi inutil para trabalhar. Ésta censura já lhe tem sido feita por graves estadistas, e em alguns paizes com razão. Se pois proporcionarmos a todos os militares, desde que se alistam nos corpos do exercito, uma educação instructiva, e fizermos com que empreguem utilmente o tempo que lhes restar do serviço, virá ésta profissão a ser considerada, ao contrario, como uma grande eschola, na qual a mocidade aprendendo a manejar as armas adquirirá conhecimentos uteis que depois irá derramar no paiz em grande cópia; e contribuirá poderosamente para diffundir a civilisação, que é consequencia necessaria da instrucção entre os habitantes do campo, para onde volta a maior parte.

Não é completa ésta instrucção nos corpos para formar bons officiaes; mas é sufficiente para officiaes inferiores: entre estes se podem discernir muito bem os que mais provas tenham dado da sua applicação, e se destinem para seguir os postos na carreira das armas; a estes pois cumpre que o estado proporcione meios de completarem a instrucção correspondente nas aulas superiores. Para este fim se poderia então estabelecer um collegio, em que fosse admittido um ou dois de cada corpo que tivessem merecido ser approvados na eschola polytechnica nas materias do anno de mathematica e desenho ensinadas nas escholas regimentaes. Talvez fosse proprio para este estabelecimento o edificio do extincto Collegiuho, onde esta a hospedaria militar. Bastaria se fornecesse a cada um a prestação diaria que com o producto do pret, pão, massa de fardamento, prefizesse 300 réis; com a qual alli se poderiam manter em communidade, e occorrer a mais algumas despezas miudas. Um official com os requisitos necessarios deveria ser encarregado da direcção do collegio e administração dos fundos, assim como de manter a ordem e subordinação, fazendo executar o regulamento que se deveria fazer.

D'estes collegiaes havia a bem fundada esperança de formar habeis officiaes das armas, a cujos estudos se dedicassem; e as vagaturas seriam prehenchidas por outros do mesmo corpo, ou de differente, quando no mesmo não houvesse algum habilitado.

A despeza com este collegio de trinta e oito individuos ao principio (um por cada corpo incluindo o batalhão naval) não excederia a tres contos de réis, que com pouco mais de quatro que custaria uma gratificação de dez mil réis mensaes dada ao official que fosse lente de mathematica e desenho em cada uma das escholas regimentaes, montaria quando muito a oito contos de réis por anno; quantia que anda com pouca differença pela terça parte do que custa hoje em dia o collegio militar, o qual, em verdade, não corresponde, como diz muito bem o nobre visconde de Sá da Bandeira, ao fim da sua instituição, pois que tendo em dez annos, decorridos desde 1835 até 1844, completado alli os seus estudos 67 alumnos, vem a sahir a despeza de cada um ao estado, por mais de tres contos de réis!!!

D'este modo mais real seria a vantagem para a classe militar e para o paiz em geral, e menos despeza para o Estado; pois ainda quando o número dos admittidos n'este novo collegio houvesse de se elevar ao dobro ou ao triplo, ainda ficava sendo menor do que 22 ou 23 contos de réis, a que monta a despeza annual do collegio militar, o qual com o novo ficava cabalmente substituido e reformado.

Oxalá que o Exm.ᵒ Sr. ministro da guerra leve por diante a sua boa intenção de fazer pôr em plena e inteira execução a disposição d'aquelle § 8.° do decreto de 4 de janeiro de 1837, porque de certo será em pouco tempo bem conhecida a vantagem que resulta de haver nos corpos avultado numero de praças habilitadas para os postos de officiaes inferiores, cuja falta tanto se faz sentir ao presente.

Lisboa 10 de junho de 1844.

João Baptista da Silva Lopes.

A Redacção agradece ao Sr. J. B. da Silva Lopes o artigo que acaba de ler-se tão competentemente elaborado, e présa em muito a distincta collaboração do seu illustre auctor.

———

PÃO COZIDO POR VAPOR.

3 A *Gazeta municipal* de París dá noticia d'uma innovação que se vai fazer na *boulangerie* d'aquella cidade. Tracta-se de cozer o pão por vapor e por meio de carvão de pedra. A principal economia hade consistir no poupar do combustivel que ficará reduzido a quatro quintos, isto é: com tres francos de carvão de pedra se obterá a mesma quantidade de pão cozido que com quinze francos de lenha. Além d'isso todo o fumo é inteiramente absorvido em razão da construcção particular do forno. Este projecto está submettido á ap-

provação da perfeitura da policia, e por isso o jornal de que tractâmos não entra em maiores desinvolvimentos.

PETRIFICAÇÃO ARTIFICIAL.

4 Uma novidade admiravel tem excitado em Paris a curiosidade de muita gente. Pôs-se á venda uma collecção de medalhas, camafeus, baixos-relevos petrificados artificialmente por meio das aguas-thermaes de Saint-Nectaire, aldeola ao pé de Clermont.

Éstas aguas depositam grande quantidade de carbonato de cal: os objectos expostos á sua acção acham-se cobertos, passado alguns mezes, d'uma substancia pedregosa tão lisa como marmore ou alabastro. Este primeiro resultado deu occasião á especulação industrial de que acima fallámos, e que promette consideravel desinvolvimento. Dirigiu-se habilmente a acção das aguas nos moldes e obtiveram-se incrustações de grande valor.

Com este processo podem-se vulgarisar os retratos em relevo de qualquer tamanho, e os camafeus, que não são inferiores aos da Toscana no acabado dos contornos, sendo-lhes muito superiores na variedade das tintas. Além da parte artistica, estes objectos elegantes são tambem muito proprios para infeites das senhoras.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

5 A redacção da Revista tem a satisfação de annunciar ao público ter obtido a continuação e complemento do manuscripto que com este mesmo titulo se começou a publicar no 3.º volume do seu jornal.

Os nossos leitores terão pois o gôsto de ler em portuguez um livro interessante, tanto pelo lado moral como pelo critico e litterario, em que acharão fundidos, em mui bem intendida harmonia, os admiraveis estylos de Swift, Sterne e Xavier de Maistre; e em que resplandece a philosophia, erudição e amor das coisas patrias, sem o phantastico das *Viagens de Guliver*, nem a satyra mordente de *Tristram Shandy*, mas com toda a elegancia e graça da *Viagem a roda do meu quarto*.

E vendo que o auctor tinha notavelmente corrigido os primeiros capitulos publicados ha dois annos, pareceu á redacção que seria mais conveniente, depois de tão longo intervallo, reproduzil-os agora juntamente com os ineditos, não só para continuar sem interrupção a serie toda, como para aproveitar as valiosas correcções e additamentos com que um escriptor tão escrupuloso costuma sempre inriquecer e melhorar as segundas edições de todas as suas obras.

Por este modo poderão os nossos leitores levar a fio um escripto que precisa ser lido seguidamente para se não perder nada do admiravel effeito que produzem a singelesa e graça do estylo, a fina critica, e o tacto philosophico das obras do Sr. A. G.

Começâmos hoje portanto com o primeiro capitulo, e d'aqui em diante cada número da Revista publicará um até final conclusão.

Reproduzimos aqui tambem o que a respeito d'esta obra escrevia nas nossas columnas o Sr. A. F. de Castilho no principio da sua publicação: é um ornamento d'ella, e de que a não devemos privar.

« O escripto, cuja publicação agora incetâmos, é exemplar de genero precioso e novo em nossa litteratura. A seu auctor, o Sr. Conselheiro Almeida Garrett, que nos honra com a sua amizade e collaboração, cabe a glória de ter aberto mais de um caminho, que outros apóz elle tem seguido e hão de seguir. — O theatro moderno, e o romance patrio fundou-os elles inconstestavalmente. As *impressões de viagem*, como em todos os paizes de adiantada civilisação hoje se escrevem em grande abundancia, estrêa-as tambem elle agora.

« No que damos á luz offerecemos pois aos frivolos um estudo desinfastiado, — aos estudisos, uma recreação prestadia — aos ingenhos fecundos, um incentivo poderoso. »

VIAGENS NA MINHA TERRA.

> Qu' il est glorieux d'ouvrir une nouvelle carrière, et de paraître tout-à-coup dans un monde savant un livre de découvertes à la main, comme une comète inattendue étincelle dans l'espace!
>
> X. DE MAISTRE.

CAPITULO I.

De como o auctor d'este erudito livro se resolveu a viajar na sua terra, depois de ter viajado no seu quarto; e como resolveu immortalizar-se escrevendo éstas suas viagens. Parte para Santarem. Chega ao Terreiro do Paço, imbarca no vapor de Villa-Nova; e o que ahi lhe succede. A Deducção-Chronologica e a baixa de Lisboa. Lord Byron e um bom charuto. Travam-se de razões os ilhavos e os bordas-d'agua, e os da calça larga levam a melhor.

Que viage á roda do seu quarto quem está á beira dos Alpes, de hynverno, em Turim, que é quasi tão frio como San'Petersbourgo — intende-se. Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, onde a larangeira cresce na horta, e o mato é de murta, o proprio *Xavier de Maistre*, que aqui escrevesse, ao menos ía até o quintal.

Eu muitas vezes, n'estas suffocadas noites d'estio, viajo até á minha janella para ver uma nesguita de Tejo que está no fim da rua, e me inganar com uns verdes de arvores que alli vegetam sua laboriosa infancia nos intulhos do Caes-do-Sodré. E nunca escrevi éstas minhas viagens nem as suas impressões: pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha penna: pobre e soberba, quer assumpto mais largo. Pois hei de dar-lh'o. Vou nada menos que a Santarem: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se hade fazer chronica.

Era uma idéa vaga, mais desejo que tenção, que eu tinha ha muito de ir conhecer as ricas varzeas d'esse Ribatejo, e saudar em seu alto cume a mais historica e monumental das nossas villas. Aballam-me as instancias de um amigo, decidem-me as tonterias de um jornal, que por mexeriquice quiz incabeçar em designio politico determinado a minha visita.

Pois por isso mesmo vou; — *pronunciei-me*.

São 17 d'este mez de julho, anno de graça de 1843, uma segunda-feira, dia sem nota e de boa estrea. Seis horas da manhan a dar em San'Paulo, e eu a caminhar para o Terreiro-do-Paço. Chego muito a horas, invergonhei os meus madrugadores dos meus companheiros de viagem, que todos se presam de mais matutinos homens que eu. Ja vou quasi no fim

da praça, quando oiço o rodar grave mas pressuroso de uma carroça *d'ancien regime*: é o nosso chefe e commandante, o capitão da impresa, o Sr. C. da T. que chega em estado.

Tambem são chegados os outros companheiros: o sino dá o ultimo rebate. Partimos.

N'uma *regata* de vapores o nosso barco não ganhava decerto o premio. E se, no andar do progresso, se chegarem a instituir alguns isthmicos ou olympicos para este genero de carreiras — e se para ellas houver algum Pindaro ancioso de correr, em strophes e antistrophes, atraz do vencedor que vai coroar de seus hymnos immortaes — não cabe nemum triste minguado epodo a este cançado corredor de Villa-nova. — É um barco sério e sezudo que se não mette n'essas andanças.

Assim vamos de todo o nosso vagar contemplando este majestoso e pittoresco amphitheatro de Lisboa oriental que é, vista de fóra, a mais bella e grandiosa parte da cidade, a mais characteristica, e onde, aqui e alli, algumas raras feições se percebem, ou mais exactamente se adivinham, da nossa velha e boa Lisboa das chronicas. Da Fundição para baixo tudo é prosaico e burguez, chato, vulgar e semsabor como um periodo da *Deducção Chronologica*, aqui e alli assoprado n'uma tentativa ao grandioso do mau gôsto, como alguma oitava menos rasteira do *Oriente*.

Assim o povo, que tem sempre melhor gôsto e mais puro do que ésta escuma descórada que anda ao decima das populações, e que se chama a si mesma por excellencia a *Sociedade*, os seus passeios favoritos são a Madre-de-Deus, e o Beato e Xabregas e Marvilla, e as hortas de Chellas. A um lado a immensa majestade do Tejo em sua maior extensão e podêr, que alli mais parece um pequeno mar mediterraneo; do outro a frescura das hortas e a sombra das árvores, palacios, mosteiros, sitios consagrados todos a recordações grandes ou queridas. Que outra sahida tem Lisboa que se compare em belleza com ésta? Tirado Bellem, nenhuma. E ainda assim, Bellem é mais arido.

Ja saudâmos Alhandra, a toireira; Villa-franca, a que foi de Xira, e depois da Restauração, e depois outra vez de Xira, quando a tal Restauração cahiu, como a todas as restaurações sempre succedeu e hade succeder, em odio e execração tal que nem uma pobre villa a quiz para sobrenome.

— 'A questão não era de restaurar nem de não restaurar, mas de se livrar a gente de um governo de patuscos, que é o mais odioso e ingulhoso dos governos possiveis.'

É a reflexão com que um dos nossos companheiros de viajem accudiu ao principio de ponderação que eu ía involuntariamente fazendo a respeito de Villa-franca.

Mas eu não tenho odio nenhum a Villa-franca, nem a esse famoso e último cirio que lá foi fazer a velha monarchia. Era uma coisa que estava na ordem das coisas, e que por fôrça havia de succeder. Este necessario e inevitavel reviramento por que vai passando o mundo, hade levar muito tempo, hade ser contrastado por muita reacção antes de completar-se.

No entretanto vamos accender os nossos charutos, e deixemos os precintos aristocraticos da ré: á proa que é paiz de cigarro livre.

Não me lembra que lord Byron celebrasse nunca o prazer de fumar a bordo. É notavel esquecimento no poeta mais embarcadiço, mais marujo que ainda houve, e que até cantou o enjôo, a mais prosaica e nauseante das miserias da vida! Pois n'um dia d'estes, sentir na face e nos cabellos a brisa refrigerante que passou por cima da agua, emquanto se aspiram mollemente as narcoticas exhalações de um bom cigarro da Havana, é uma das poucas coisas sinceramente boas que ha n'este mundo.

Fummemos!

Aqui está um campino fummando gravemente o seu cigarro de papel que me vai emprestar lume.

'Dou-lh'o eu, Senhor...' accode cortezmente outra figura muito diversa, cujas feições, trajo e modos, singularmente contrastam com os do *musarabe* ribatejano.

Accenderam-se os charutos, e attentámos mais de vagar na companhia em que estavamos.

Era com effeito notavel e interessante o grupo a que nos tinhamos chegado, e destacava pittorescamente do resto dos passageiros, mistura hybrida de trajos e feições descharacterisadas e vulgares — que abunda nos arredores de uma grande cidade maritima e commercial. — Não assim este grupo mais separado com que fomos topar. Constava elle de uns doze homens: cinco eram d'esses famosos athletas da Albandra que vão todos os domingos colher o *pulverem olympicum* da praça de Sancta-Anna, e que á voz soberana e irresistivel de: *á unha*, *á unha*, *á cernelha*!.. correm a arcar com mais generosos, não mais possantes, animaes que elles, ao som das immensas palmas, e a trôco dos raros pintos por que se manifesta o sempre clamororo e sempre vazio enthusiasmo das multidões. Voltavam á sua terra os meus cinco luctadores ainda em trajo de praça, ainda esmurrados e cheios de glória da contenda da vespera. Mas aopé d'estes cinco e de altercação com elles — ja direi porque — estavam seis ou sette homens que em tudo pareciam os seus antipodas.

Emvez do calção amarello, e da jaqueta de ramagem que characterizam o homem do forcado, estes vestiam o amplo saiote grego dos varinos, e o tabardo arrequifado siciliano de panno de varas. O campino, assim como o saloio, tem o cunho da raça africana; estes são da familia pelasga: feições regulares e moveis, a fórma agil.

Ora os homens do norte estavam disputando com os homens do sul: e a questão fóra interrompida com a nossa chegada á proa do barco. Mas um dos Ilhavos — bella e poetica figura de homem — voltando-se para nós disse n'aquelle seu tom accentuado:

— «Ora aqui está quem hade decidir: vejam-n'os senhores. Elles, por agarrar um toiro, cuidam que são mais que ninguem, que não ha quem lhes chegue. E os senhores a serem ca de Lisboa, hão de dizer que sim. Mas nós.... »

— Nenhum de nós é de Lisboa; só este senhor que aqui vem agora.

Era o Sr. C. da T. que chegava.

— 'Este conheço eu; este é cá dos nossos (bradou um homem do forcado, assim que o viu). Isto é um fidalgo como se quer. Nunca o vi n'uma ferra, isso é verdade; mas aqui de Vallada a Almeirim ninguem corre mais do que elle por sol e por chuva, e hade saber o que é um boi de lei, e o que é lidar com gado.'

— 'Pois oiçamos lá a questão.'

— 'Não é questão' — tornou o Ilhavo; mas se es-

te senhor fidalgo anda por Almeirim, para Almeirim vamos nós, que era uma charneca o outro dia, e hoje é um jardim, benza-o Deus! — mas não foram os campinos que o fizeram, foi a nossa gente que o sachou e plantou, e o fez o que é, e fez terra das arêas da charneca.'

— 'Lá isso é verdade.'

— 'Não, não é. Que está forte habilidade fazer dar trigo aqui aos nateiros do Tejo, que é como quem semeia em manteiga. É uma lavoira que a faz Deus por sua mão, regar e adubar e tudo: e o que Deus não faz não o fazem elles, que nem sabem ter mão n'esses monchões c'o plantio das arvores: so la por cima é que algumas teem mettido, e é bem pouco para o rio que é, e as ricas terras que lhes levam as enchentes. — Mas nós, pe no barco e pe na terra, tam depressa estamos a sachar o milhinho na charneca, como vimos por ahi abaixo com a vara no peito, e o saveiro a para n'arê por não haver agua.... mas sempre labutando pela vida.'

—'A' fôrça é que se falla, — tornou o campino para estabelecer a questão em terreno que lhe convinha.— 'A fôrça é que se falla: um homem do campo que se deita alli á cernelha de um toiro que uma campanha inteira de varinos lhe não pegava, com perdão dos senhores pelo rabo!....'

E reforçou o argumento com uma gargalhada triumphante, que achou echo nos interessados circumstantes que ja se tinham apinhado a ouvir os debates.

Os ilhavos ficaram um tanto abatidos; sem perderem a consciencia da sua superioridade, mas acanhados pela algazarra.

Parecia a esquerda de um parlamento quando ve sumir-se no borburinho acintoso das turbas ministeriaes as melhores phrases e as mais fortes razões dos seus oradores.

Mas o orador ilhavo não era homem de se dar assim por derrotado. Olhou para os seus, como quem os consultava, e animava, com um gesto expressivo, e voltando-se a nós, com a direita estendida aos seus antagonistas:

— 'Então agora como é de fôrça, quero eu saber, estes senhores que digam qual é tem mais força, se é um toiro ou se é o mar.'

— 'Essa agora....'

— 'Queriamos saber.'

— 'É o mar.'

— 'Pois nós que brigamos com o mar, oito, e dez dias a fio n'uma tormenta de Aveiro a Lisboa, e estes que brigam uma tarde com um toiro, qual é que tem mais força?'

Os campinos ficaram cabisbaixos; o publico imparcial applaudiu por ésta vez a opposição, e o Vouga triumphou do Tejo.

A. G.

(Continúa.)

O MENDIGO.

6 PELA primeira vez publica a REVISTA um excerpto poetico do illustre auctor da *Harpa de um Crente* O Sr. A. Herculano que como historiador e incansavel investigador da archeologia patria, goza de uma reputação tão grande como sabiamente alcançada: que como philosopho, como critico, e como pai do romance historico entre nós, tem merecido com igual jus igual renome, é ainda como poeta não menos benquisto que admirado. Todos os seus versos respiram a mais san philosophia, e sentem-se repassados dos ingenuos sentimentos religiosos d'um verdadeiro poeta christão. O MENDIGO é um d'esses melancholicos trechos de poesia orthodoxa que nossos leitores muito hão de apreciar, e que a REVISTA tem a maior satisfação em podêr apresentar nas suas columnas.

O MENDIGO.

I.

O sol passa nos ceus: — sob o carvalho,
Por cujos troncos se pendura a vide,
Cego ancião,
Mirrada dextra supplice estendendo
Ao passageiro, que o despreza, implora
Do opprobrio o pão.

Ninguem o escuta, o dia foge, e a noite
Involve a luz no manto impenetravel:
E elle chorou —
E em seus andrajos para a choça alpestre,
Sem se queixar de Deus, tardios passos
Encaminhou:

Mas antes que chegasse ao pobre alvergue,
Do presbiterio o sino harmonioso
Soar ouvia,
Que, despedindo em roda os sons pausados,
Convidava os fieis a erguer as preces
Da Ave-maria.

A' cruz do adro relvoso as mãos mirradas
O velho ergueu, e ao ceu inuteis olhos,
E uma oração —
A oração do infeliz — que Deus so ouve
Quando o desdenha o mundo e indibria
Sua afflicção.

Para o velho a existencia é solitaria,
Bem como a fonte que esgotou o estio,
Onde os pastores
Se vinham saciar e o manso gado;
Onde cantavam penas e prazeres
Dos seus amores.

A alampada na egreja triste e muda
Bruxuleava seu clarão, pendendo
Ante o altar-mór:
Como o templo o porvir era do velho
Cheio de sustos — muda como o templo
Era sua dór.

Rezou, rezou — e os olhos se enxugaram —
O orar fervente as lagrimas enxuga,
Qual prado o leste:
Deus o inspirou — 'sperança é filha sua
Doce esperança que os mortaes so deixa
Sob o cypreste.

Voltou á choça, e a macilenta fome,
Sem gemer, supportou sobre o seu leito
Que é quasi a terra.
E confiado em Deus entre as angustias
Do mal — menos crueis que as do remorso —
Os olhos cerra.

II.

Restruge o mar cavado — o vento zune
Pelos mastros da nau — colhido o panno
Das vergas pende:
Brinco das vagas o baixel arfando
Fluctua incerto, e dos bulcões guiado
Os mares fende.

Correndo árvore sêcca avulta ao longe
Como alma em pena vagueando á noite
Em seu fadario: —
E pelas trevas braqueando a escuma,
Que da prôa espadana, imita as pregas
D'alvo sudario.

Involto no gibão amplo e felpudo,
Rude piloto ao leme trabalhoso
Vela encostado;
Que, se não mentem calculos, o porto
Proximo está, dos lassos navegantes
Tão anciado.

III.

O vento vai quebrando — no ar raream
Grossos montões de acastelladas nuvens:
Diurno alvor
Traça no ceu d'Oriente um disco immenso,
Que reflecte no mar, que verte ao longe
Cerulea côr.

Surge o sol radioso e innunda as vagas
Que se acalmam — nivelam-se: o horisonte
Mais amplo é ja:
Cava aragem ligeira a larga vela
E do cesto o gageiro clama: — terra! —
Ei-la acolá! —

Como delisa o goso nos semblantes
Por entre as rugas do terror passado!
Como é formosa
Essa pallida praia — e esses rochedos
E la no extremo os pincaros da serra
Erma e saudosa!

De indicas merces, de ouro carregada
Aproa á terra, com celeuma alegre,
A nau pujante:
E pelo verde mar do porto amigo
Abrindo a esteira restitue á patria
O navegante.

IV.

E' meia noite: — os gallos pela aldea
Dizem que um dia mais desceu ao nada
E que outro vem,
Para dar luz a dores e alegrias
E depois nos abysmos do passado
Cair tambem.

E o mendigo da aldeia, o velho cego,
Sobre o duro grabato, em choça humilde
Achou a paz.
Em sonhos via um filho: a longes terras
A miseria o levou: mudada sorte
Feliz o traz.

Quantas vezes presaga a mente do homem
Véla como um propheta em quanto o somno
Seus membros prende;
E como em trevas de amargosos dias
No porvir uma luz, prevista em sonhos,
Grata se accende!

V.

Nos gonzos ferrugentos range a porta
Do tugurio do pobre adormecido —
E descuidado;
Que do mendigo o umbral patente é sempre,
Nem carece de estar, como o do rico,
Afferrolhado.

O bom do velho ao sobresalto acorda,
E as lagrimas de alguem banham-lhe a face
E o pranto é mudo:
Mas breve um grito — e o soluçar — e os beijos
E sonho que passou — e a voz do sangue
Lhe dizem tudo.

Não mais sob o carvalho ao velho honrado
Esmoladora mão o perigrino
Estenderá:
Meigos lhe sorrirão extremos dias,
E suas cinzas filial gemido
Consolará.

A. Herculano.

THEATRO DE S. CARLOS.

CONCERTOS.

7 Acabou a estação da Opera-italiana, e o theatro incerrou-se por seis mezes; é uma epocha de lucto e saudade para os dilettanti, que o imperio das circumstancias nos obriga a atravessar por muito que nos custe.

Em logar da Opera, temos tido os concertos. A troca, para os verdadeiros amadores de musica, não é das peiores: ha mesmo nos concertos algumas circumstancias porque elles os preferem ás mesmas operas. Os primeiros concertos datam apenas do meiado do seculo XVII, e ainda assim bem froixamente começaram; comtudo a sua importancia tem augmentado todos os dias, e hoje são elles em todas as grandes cidades da Europa, verdadeiras festas musicaes. As composições de Haydn e Beethoven, algumas das mais famosas de Mozart, as de Berlioz, a Ode-symphonia de David, etc. não brilham senão nos concertos para que foram expressamente escriptas.

Entre nós porém estão bem longe da grandeza a que teem alcançado chegar em França. Berlioz la reune mil artistas e celebra n'um concerto-monstro a exposição da industria-franceza: o Conservatorio de París abre todos os hynvernos as suas sallas onde se ouvem admiraveis concertos: e são innumeraveis os que se dão todos os annos em beneficio, nas sallas expressamente construidas; além das orchestras permanentes dos campos-elysios, jardim-turco, e Raneiagh. Napoleão foi fanatico pelos concertos. Todos os musicos distinctos que chegavam a París eram convidados para n'elles executarem, e recompensava-os *só a dinheiro* mas briosamente. A célebre Catalani que alguns dos leitores se lembrarão de ter ouvido no nosso theatro, recebeu d'elle por ter cantado nos concertos da

S. Cloud um presente de 5.000 francos, uma pensão de 1.200 francos, e o imprestimo da salla da Opera e todos os arranjos gratuitos, para ella dar dois concertos que lhe renderam 49,000 francos.

Alguma coisa d'estas existiu ja entre nós. No paço real houve sempre um grande número de musicos para os concertos de D. João V, D. José, D. Maria I, e D. João VI. Uma parte d'estes vinham escripturados da Italia por grandes sommas, e eram condecorados com o titulo de *musicos da real camara*. Havia tambem, e ha ainda, um theatro no paço d'Ajuda onde se executavam operas exclusivamente para a real familia. As grandes festas da Capella-real eram verdairos concertos; e todos sabem que D. João VI se deleitava em extremo com essas festas grandiosas que elle multiplicava em Lisboa, Mafra etc.

As nossas philarmonicas de hoje são tambem sallas de concertos onde todas as semanas se executam trechos das operas-italianas mais applaudidas.

Mas apesar d'isto tudo repetiremos que os concertos não alcançaram ainda no nosso paiz a importancia que la fóra se lhes dá. A musica escripta propriamente para elles ainda ca a não ouvimos. A *creação* e as *estações* de Haydn, as symphonias de Mozart, as grandiosas composições de Beethoven, incessantemente gabadas em toda a parte, qual de nós as ouviu ainda nos nossos concertos? D'aqui vem que o gósto do nosso povo não está ainda formado para os concertos públicos. Se lhe dão a mesma musica que elle ja tem ouvido nas operas com o interesse da acção e com o prestigio dos accessorios, como querem que elle va ouvir com enthusiasmo esses bocados desligados, sem novidade e sem attractivos, e demais a mais na mesma salla do theatro? D'esta maneira o gósto dos concertos nunca chegará a introduzir-se entre nós.

Carecemos tambem d'uma salla própria, sem o que nunca elles poderão ter conveniente importancia por muito que a outros respeitos se melhorem. A construcção do edificio de que fallâmos devia convir a qualquer capitalista mesmo como especulação commercial. Na supposição de ser feito como deve, não só se poderia ficar certo de que elle chamaria a si todos os concertos públicos de Lisboa, mas ainda poderia ser aproveitado tambem n'um sem número de outros usos. Pelo lado do embelezamento da cidade, pelo apropriado do sitio, e talvez tambem pela economia da obra, o *largo da abegoaria* seria um local excellente.

Força é porém abreviar. Ouvimos ha dias em S. Carlos varios cantos nacionaes executados por uma familia tyroleza que veio a Lisboa. É impossivel formar siquer idèa, sem ouvir, de certas novidades d'este canto singular. Eram tres homens e uma rapariga. Appareceram trajados em *costume*, e manisfestavam ser com effeito gente do campo, peritos comtudo no exercicio dos seus cantos graciosos. Não se póde mesmo imaginar como quatro vozes combinadas podem fazer um pianissimo, ao mesmo tempo que se distinguem todas as syllabas, produzindo o mais agradavel effeito d'um som longiquo que vai sumir-se pelas cavidades dos montes. Não se imagina como a voz humana póde fazer um aompanhamento harmonico como se fora um instrumento, dando a perfeita illusão d'um arpejo. Foram éstas as duas coisas que mais nos admiraram; mas não é menos digna de admirar-se a afinação e o bem combinado das vozes: percebia-se isto principalmente quando depois de cantarem uma strophe, sem acampanhamento, os instrumentos rompiam incontrando as vozes em perfeito accorde; e tambem na escalla chromatica começada na nota mais aguda do soprano, continuada pelo tenor, e terminada pelo baritono, tão seguida e uniformemente como se fôra uma só voz ou instrumento d'onde ella se extrahisse.

Todas éstas ciscumstancias porém não poderam satisfazer o publico: elle gostou, admirou, applaudiu, mas não se satisfez. A razão é clara: aquelles bellos cantos characterisados com toda o originalidade e candura da nacionalidade d'um povo enthusiasta pela musica, cravado entre os povos mais eminentes n'ella, eram uma optima coisa para intervallos, mesmo para base d'um concerto; mas não eram sufficientes, nem apropriados, nem capazes de preencher uma noite inteira, de substituirem um espectaculo no theatro. Faltava a variedade, o interesse, alguma coisa em que o espirito se apoiasse para ficar disposto a receber segunda e terceira impressão do mesmo genero.

Depois d'este veio o concerto do Sr. Manuel Innocencio, pianista mui distincto e amado do público. O illustre artista executou varias phantazias com a sua reconhecida habilidade, acompanhou a Sr.ª Clementina e tocou dois duettos com o Sr. Mazoni. Esteve a noite inteira ao piano.

A Sr.ª Clementina cantou excellentemente a cavatina da *Gemma*, em particular o adagio. Mas as honras da noite alcançou-as o dueto da *Somnambula* em que a rebeca do Sr. Mazoni e o piano do Sr. Manuel Innocencio nos promoveram por differentes vezes um verdadeiro enthusiasmo. Seria necessario ouvil-o muitas vezes para podêr analysa-lo; as sensações que nos produziu não nos deixaram logar para a observação.

BIBLIOGRAPHIA.

8 LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA. Excerptos de todos os principaes auctores portuguezes de boa nota, assim prosadores como poetas. Por *Castilhos* (*Antonio e José*) Tom. 1.º PADRE MANUEL BERNARDES. Parte I.

O pensamento d'esta publicação é altamente litterario. Reunir n'um corpo os melhores excerptos da nossa litteratura classica, apurando-a de tudo quanto poderia ser fastidioso para os mais difficeis de contentar, é um valioso serviço feito á lingua e ás letras patrias, acredor de elogio e de animação.

O Sr. Castilho (Antonio) nome tão grandioso na litteratura portugueza, e a quem a pureza e as gallas poeticas da nossa bella lingua teem sempre tido por apostolo e campeão, era com effeito o mais proprio para este serviço, e um dos mais capazes para fazer ésta escolha.

A *livraria classica* estreou-se com varios excerptos da *Floresta* do P. Manuel Bernardes. Haveria decerto muitos outros escriptores cuja leitura seria talvez mais agradavel e porventura mais interessante, mas será difficil achar-se outro de linguagem mais amena e abundante, estylo mais natural e fluente.

Os pequeninos tomos da *livraria classica* hão de ser, nos parece, muito bem recebidos; assim a edição tivesse um pouco mais de apuro pelo lado typographico — merecia-o. — Mas é de crer que na segunda, que não deixará de fazer-se, se attenda a ésta circumstancia, que é ja tambem hoje uma necessidade com.

mercial, e que não deixa de ter, digam la o que disserem, grande influencia sôbre os consumidores.

Ensaio sobre a orthographia portugueza, por *Carlos Augusto de Figueiredo Vieira*. — *Porto*. — 1 *vol. em* 8.°

Uma das nossas primeiras necessidades litterarias é a regularisação da orthographia. Não são pois de desprezar os escriptos que possam concorrer para esse grande fim. Quando mais razões não houvera, ésta por si só bastaria para tornar interessante a obra que acima mencionamos; outras porém avultam que a tornam recomendavel. Seu auctor cingindo-se em geral ás opiniões dos nossos mais acreditados escriptores, redigiu, depois de traçar a historia das variações orthographicas da lingua, claras e importantes regras, para o acertado emprego das lettras e sua duplicação, uso dos signaes orthographicos, pontuação etc.: deu-nos em seguida um rico vocabulario, e terminou com um catalogo de homonymos e algumas considerações que ainda sobre a materia se offereciam. Merecêra, por certo, mais minuciosa analyse ésta obra, de que ja tinhamos noticia pelo n.° 124 da *Coallisão*, pelo n.° 71 do 11 tomo da *Revista litteraria* do Porto; mas falhanos para isso tempo. Limitamo-nos portanto a dizer que julgâmos a sua leitura de transcendente utilidade para a diffusão das boas doutrinas orthographicas.

* * *

Contestação ás allegações contra o titulo de Penamacor.

Com este nome se acaba de publicar um folheto nitidamente impresso na typographia nacional, e dedicado ao Sr. Conde de Penamacor, no qual se responde ás objecções que se dizem feitas sôbre a legalidade do seu titulo.

A contestação parece-nos bem escripta, e tractada com habilidade.

LATINIDADE.

Está annunciada para se imprimir uma *collecção de phrases; e a interpretação dos logares mais difficeis de Tito Livio, Selecta terceira de Coimbra*, por F. A. Martins Bastos, professor de lingua latina, n'esta côrte.

A importancia de tal obra, feita pelo sr. *Martins Bastos*, que aos muitos annos de magesterio, reune bom conhecimento do latim, não ha mister de se recommendar, e sôbre tudo, para os estudantes d'esta lingua, é de uma utilidade inapreciavel.

VARIEDADES.

O MEZ DE JULHO.

9 O signo d'este mez é o *leão*. Um antigo astrologo portuguez vaticinava assim os destinos dos homens que durante elle veem ao mundo:

> Quem nasce sob este signo
> Por nonnada briga e zanga;
> Mas de amor cedendo ao jugo
> Qualquer dama lhe põe canga.

Este mez tem 31 dias. A sua lua começou a 4 de junho e acabará no seu dia 3. N'este mez diminuem os dias 27 m. de manhã e 27 m. de tarde. O dia maior é o 1.° que tem 15 horas. No dia 1 nasce o sol ás 4 h. e 37 m., e põe-se ás 7 h. e 32 m., no dia 31 nasce ás 4 h. e 50 m. e põe-se ás 7 h. e 5 m.

O mez de julho é de todos os mezes aquelle em que teem acontecido maior número de successos transcendentes no mundo, tanto na ordem moral como na ordem physica.

N'este mez celebravam os gregos as festas de Apollo e as de Adonis. Para os romanos era o mez de maiores folganças. Celebravam a festa da Fortuna das mulheres, a das Escravas, a de Vitula, ou deusa da alegria, as mercuriaes, a de Castor e Pollux, os jogos de Neptuno, as offerendas á deusa Opigena, os jógos circenses, e os sacrificios a Ceres, e á Canicula.

EPHEMERIDES.

Descobrimento da ilha da Madeira (1—1420). Partida de Vasco da Gama ao descobrimento da India (8—1497). Desembarque do Mindello (8—1832). Nascimento de Camões (17—1524). Conquista da cidade de Malaca por Affonso de Albuquerque (24—1511). Entrada da divisão do duque da Terceira em Lisboa (24—1833). Victoria do Campo d'Ourique por D. Affonso Henriques (25—1139). Primeira victoria naval portugueza (29—1180).

CORREIO ESTRANGEIRO.

10 Uma companhia anglo-franceza tracta de estabelecer um carril de ferro de Rouen a Dieppe, e affiança o transporte dos viajantes de Londres a París so em doze horas. Ésta companhia deve ter um serviço especial de barcos de vapor para atravessar o canal entre Dieppe e Brighton.

Assim haverão em breve trez caminhos de ferro differentes de París a Londres, que luctarão á porfia na maior rapidez do transporte, e nas melhores commodidades dos passageiros.

O meio-dia da Polonia foi accommettido d'uma fome horrorosa. A miseria é tal que os camponezes desinterram os cadaveres dos animaes para alimento. Depois de se haverem esgotado os últimos recursos, a grande maioria dos habitantes do districto de Viélitska declararam ás auctoridades que so lhes restava a morte. Deram-se ordens para que de Varsovia fosse algum trigo; mas ésta remessa deve ser pouco consideravel porque a fome ameaça igualmente as planicies de Varsovia e o norte da Polonia.

M. Uwarow, ministro da instrucção pública na Russia, fez um relatorio sôbre o resultado da missão de M. Middendorf á Siberia. Este sabio visitou as duas provincias de Taimyrland e de Utzkoi e as ilhas de Schantar, onde não tinha ainda ido nenhum viajante, e póde penetrar até ás fronteiras da China atravez de mil perigos.

M. Middendorf deve publicar a relação da sua viagem que produziu, segundo se diz, interessantes descobertas scientificas. O tzar concedeu-lhe a cruz de S. Wladimir, quarta classe, e uma pensão annual de 400 rublos.

O divan acaba de fazer reorganizar as escholas mi-

litares fundadas pelo sultão Mahmud. Os estudos preparatorios para éstas escholas especiaes, são: leitura e escripta turca, alguma coisa de arabe e persiano, religião, geographia e arithmetica. As escholas militares serão quatro, uma em Constantinopla, outra na Anatolia, outra na Arabia, e a última na Romelia.

Os progressos que a industria da Hungria tem feito ja n'este anno de 1845 são verdadeiramente espantosos. As sedas de Pest são ja tão magnificas que se confundem com as de Milão, e pela qualidade de tecido rivalisam com as de Lyon. O que falta á Hungria para chegar ao último ponto de desinvolvimento commercial são as vias de communicação. O estado das estradas n'este paiz é o peior que se póde imaginar; mesmo na capital so as ruas dos principaes bairros é que são calçadas, o resto da cidade é todo um lodaçal em que a gente de pé corre risco a cada passo de ficar interrada até ao joelho.

O commercio francez está ameaçado de ficar anniquilado em todo o Oriente greco-slavo. Os carris de ferro austriacos que tendiam unicamente para os paizes slavos, e não tinham tido até hoje nenhuma relação directa com o Zollverein, vão-se completando agora dilatando as suas ramificações para a Prussia. A companhia do caminho de ferro de Leipzig a Dresde decidiu prolongar á sua custa o carril de ferro de Dresde até Praga, atravessando a Bohemia. Quando as cidades de Berlim, Leipzig, Dresde, Praga, Vienna e Trieste communicarem entre si por um mesmo carril de ferro não interrompido, e quando forem, como desejam, comprehendidas n'uma so união aduaneira, a federação industrial da Allemanha dominará o Adriatico, o mar Negro, e todos os paizes intermedios.

É muito para notar a resistencia do govêrno pontificio a todas as creações da industria, e principalmente á introducção dos carris de ferro em seus Estados. Ultimamente a doiradura dos metaes pelo processo galvanico, que ja se pratica entre nós, foi tambem prohibida no territorio pontificio. A sciencia tem demonstrado que o uso do mercurio é essencialmente nocivo á saude dos artifices, e a substituição do galvanismo a ésta substancia perniciosa, foi um dos melhoramentos mais uteis da sciencia applicada: por isso uma prohibição similhante é tanto mais d'extranhar quanto é certo que ella tem alguma coisa d'inhumana.

O govêrno da Prussia está impenhado n'um projecto da mais alta importancia: pertende obter de todos os Estados secundarios do Zollverein fazerem-se representar por ministros e consules *prussianos* nas côrtes extrangeiras. Este projecto cuja realisação seria um grande passo para a união politica da Allemanha e concentraria o seu podêr nas mãos da Prussia, não tem achado grande opposição.

Quatro brahmines da India chegaram a Inglaterra, para aprenderem medicina na Universidade.

CORREIO NACIONAL.

S. M. I. a Sr.ª Duqueza de Bragança e sua Augusta Filha chegaram a ésta capital no dia 3, de volta da sua viagem á Allemanha.

Consta officialmente haver-se descoberto nos suburbios da cidade de Elvas, intra-muros da horta de St.ª Paula uma mina de certo mineral, cuja analyse deu o resultado seguinte:

Sessenta por cento de chumbo, nove e meio de enxofre, trinta e meio de silica e oxydo de ferro, e um por milhar de prata.

O govêrno faculta a lavra d'ésta mina a quem e a convier.

Os melhoramentos materiaes vão em progresso nos Açores. As folhas de Angra enumeram uma serie de uteis providencias tomadas n'aquelle districto: avultam entre ellas — o estabelecimento de uma caixa economica, a reconstrucção da principal estrada da ilha, a centralisação dos cartorios judiciaes e casa de audiencia, a plantação de amoreiras, e a creação de uma eschola de ensino primario n'uma freguezia populosa que não gozava de similhante beneficio.

Sentia-se na Graciosa falta de cereaes que lhe iam ser remettidos da Terceira.

Por portaria de 31 de maio ultimo se mandou pôr em vigor a carta de lei de 28 d'abril do corrente anno relativa ao mais amplo estabelecimento de seminarios nas diversas diocezes do reino e ilhas adjacentes, e á melhor regulação litteraria e economica d'elles. As diocezes em que já havia seminarios são: Braga, Bragança, Coimbra, Faro, Guarda, Lamego, Leiria, Porto, Vizeu; as que ainda os não tinham, mas onde se vão constituir agora são: Angra, Aveiro, Beja, CastelloBranco, Elvas, Evora, Funchal, Pinhel.

No dia 14 do corrente falleceu n'um hospital, na cidade do Porto, um macrobio de 109 annos que era casado com uma mulher de 103 annos.

Do 1.º de janeiro até 31 de maio d'este anno teem-se exportado pela barra do Porto, 8,931 pip., 3 alm. e 11 e meia can. de vinho.

Ensaia-se no Theatro da Rua-dos Condes *A condessa d'Altemberg*, drama de Alfon. Roger e Gust. Waez, que mereceu o melhor acolhimento no theatro do Odeon em Paris.

Sexta-feira (27) dá o Sr. Daddi um concerto em S. Carlos. Os meritos do illustre artista são a sua melhor recommendação.

A companhia das Obras-Publicas acaba de provocar a emigração dos açorianos e madeirenses para o nosso continente, afim de serem empregados nos trabalhos que vão ser imprehendidos pela mesma companhia. E' provavel que nos occupemos d'este assumpto n'algum dos proximos numeros.

O govêrno acaba de instituir uma eschola d'instrucção primaria na ilha do Corro (uma dos açores), onde não havia nem uma só eschola pública nem particular (!)